



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Paulo César Pereio, simples e totalmente ator

Dois episódios que presenciei, envolvendo Paulo César Peréio, falecido no último domingo: ele integrava o elenco da peça *Roda Viva*, texto de estreia de Chico Buarque na dramaturgia. Havia ameaças do CCC - Comando de Caça aos Comunistas contra o elenco, ameaças que se tornaram concretas em Porto Alegre, quando a montagem estreou no então Teatro Leopoldina, na Avenida Independência. Como Pereio era gaúcho (nasceu no Alegrete), ele não ficava com o elenco no hotel, mas hospedava-se na casa da família. Logo na noite de estréia do espetáculo, houve um ataque do CCC contra o elenco da peça. Os camarins do teatro ficavam muito próximos à rua, com pleno acesso pela João Telles, e foram invadidos. Os atores foram pichados, deixados nus e ameaçados de morte. Pereio foi o único que escapou. A peça cancelou a temporada, a equipe voltou para São Paulo e a produção acabou sendo proibida pela censura. O texto da peça, embora pouco conhecido, é importante para a compreensão da obra do compositor e dramaturgo.

Outro episódio: Pereio já havia recebido um Kikito, o prêmio do Festival de Cinema de Gramado, enquanto ator coadjuvante. Tendo participado de mais de 60 filmes de longa metragem, ao longo de sua carreira, um de seus trabalhos foi em *Toda nudez será castigada*, o café da principal personagem feminina. Embora ele mesmo não tenha sido premiado, o filme ganhou o Kikito de melhor filme naquele ano. Na projeção da obra, e depois na premiação, o então Secretário de Turismo, Desportes e Cultura teve um ataque moralista, em plena plateia do cinema em Gramado, e saiu-se com improperios, aos gritos, contra o prêmio, o filme e em defesa da família brasileira. Naquela noite, Pereio estava lá, tememos o pior, mas felizmente, ele foi contido. O que não queríamos é que o festival perdesse o apoio do Governo do Estado do Rio Grande do Sul...

Por que relembro os dois episódios? Vindo aos 12 anos para Porto Alegre - o pai era militar - Pereio desde cedo tomou a vida em suas mãos. Ele ia decidir sobre

sua vida. E assim o fez ao longo destes 83 anos. Foi ator, antes e acima de tudo. No cinema, na televisão, no teatro, onde estreou em 1958, em *Esperando Godot*. Fez parte do importante Teatro de Equipe, da capital sul-rio-grandense, ao lado de Paulo José e Lilian Lemmert, ambos já falecidos. Participou do elenco de montagens como *O sr. Puntilla e seu criado Matti*, de Bertolt Brecht, com direção de Flávio Rangel, sob cuja direção trabalhou ainda em *Édipo rei* (que já tive a oportunidade de assistir), estreando por Paulo Autran, a que se seguiram, dentre outros, *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues; *O balcão*, de Victor Garcia, com textos de Arrabal (1969), a que também assisti em São Paulo; *O anti-Nelson Rodrigues* (1974); alcançando sucesso comercial com *O analista de Bagé* (1984), a partir do personagem de Luís Fernando Veríssimo; e *Galileu Galilei* (2005).

No cinema, esteve presente em filmes memoráveis, como *Os fuzis*, de Ruy Guerra (1964), *Terra em transe*, de Glauber Rocha (1967), *Toda nudez será castigada* (1973), *Vai trabalhar, vagabundo* (também de 1973), *Eu te amo*, de Arnaldo Jabor (1980) etc.

Pereio, no entanto, profissionalmente, viveu uma outra situação que o ajudava bastante a sobreviver. Sua voz era preferida, como se dizia, por nove entre dez empresas de publicidade: sua irretocável dicção, sua tonalidade de voz, sua articulação sonora etc. Isso não impediu que ele estivesse vivendo no recanto dos artistas, no Rio de Janeiro, dirigido pelo também ator Stepan Nercessian, quando baixou hospital.

Pereio foi sempre um apaixonado. Nunca teve medo de viver, de dizer o que pensava e sentia, de participar de movimentos e iniciativas com as quais se identificava, como no caso da Campanha pela Legalidade, em defesa da posse de João Goulart, enquanto presidente do país, em 1961.

Com a morte de Paulo César Pereio, perdemos um artista que é parte obrigatória da história das artes cênicas do País. Mas perdemos, acima de tudo, um cidadão.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Gerações

Desde que a figura do Rei entrou em conflito com a imagem do súdito inconformado, como no início da *Iliada*, que a relação da imagem paterna com a do descendente tem originado filmes admiráveis como o clássico *Vidas amargas*, que Elia Kazan (1909-2003) realizou em 1955, tendo por base a parte final do romance *A leste do Éden*, de John Steinbeck (1902-1968), e o mais recente e impactante *O filho*, de Florian Zeller. Logicamente não se trata apenas de um conflito entre gerações, tema não excluído de um ritual obrigatório e destinado a impor a disciplina exigida pela civilização. Trata-se também de uma ação destinada a impor novos valores e também da afirmação de uma personalidade diante da estátua colocada em seu caminho. Na história há vários exemplos, alguns muito conhecidos como o dos Dumas. O pai (1802-1870) é o autor de *Os três mosqueteiros*, e o filho (1824-1895) escreveu peças e romances e se tornou famoso com *A dama das camélias*, na qual utilizou recordações de sua ligação com Marie Duplessis, na ficção chamada *Marguerite Gautier*. Mas o texto de Dumas não ficou restrito ao teatro, pois deu origem à ópera *La traviata*, de Giuseppe Verdi (1813-1901), sobre libreto de Francesco Maria Piave (1810-1876), recentemente filmada por Sofia Coppola e que já havia chegado ao cinema em um bom filme de Franco Zeffirelli (1923-2019), realizado em 1982. Na ópera, a protagonista passou a chamar-se *Viola Valéry*.

Outro caso famoso é o dos Strauss, pai (1804-1849) e filho (1825-1899). O primeiro escreveu diversas operetas e teve seu prestígio na época, mas o filho o superou em fama e prestígio ao escrever também operetas e uma série de valsas que até hoje são ouvidas, principalmente depois que Stanley Kubrick transformou uma delas, *O Danúbio Azul*, em *2001: uma odisseia no espaço*, como expressão sonora do rio que nunca é o mesmo, e do universo em movimento eterno e iluminado pela mesma cor. As valsas de Strauss, filho, foram elogiadas por Johannes Brahms (1833-1897) e uma de suas operetas, *O morcego*, foi uma das obras nas quais Carlos Kleiber

(1930-2004), que é considerado por parte da crítica musical o maior regente de todos os tempos, expressou seu talento incomum. O maestro era filho de Erich Kleiber (1890-1956), outro nome célebre, que abandonou a Alemanha depois da tomada do poder pelos nazistas, indo morar na Argentina, quando então alterou nome do filho Karl. Diz a lenda que ao perceber o talento do filho ele teria dito ser uma pena "o garoto ter talento para a música". Kleiber, o filho, nunca deu entrevistas, recusou o convite para ser o maestro titular da Filarmônica de Berlim e deixou poucas gravações integrais. Algumas delas podem ser vistas no Youtube.

O que tudo isto, a ver com uma coluna dedicada ao cinema? É que o filme *Maestro(s)*, que está chegando aos cinemas, dirigido por Bruno Chiche, trata do tema ao colocar em cena dois regentes, pai e filho. Trata-se de um exemplo de oportunidade perdida. Atores e atrizes mal escolhidos, cenas de regência ridículas e um final constrangedor. Talvez o diretor tenha pensado nos casos citados, mas suas variações sobre o tema do conflito em questão são pobres, ingênuas e superficiais. Fritz Lang (1890-1976) dizia que nunca se perde tempo num cinema, pois se o filme nos desagrada podemos imaginar como o faríamos. O cineasta falava como autor. O espectador por sua vez pode imaginar o filme que gostaria de ver. Recentemente em *Tar e Maestro*, Todd Field e Brian Cooper mostraram como se filma o cotidiano de músicos. Cooper foi assessorado pelo maestro canadense Yannick Nézet-Séguin. Agora o que parece é que Chiche não é frequentador do espaço musical e seus intérpretes em nada colaboram. Porém, não são eles os culpados. Foram mal escalados e ainda enfrentam cenas ridículas como aquela do bumbo na rua. Lang fez uma observação inteligente sobre o comportamento do espectador. Mas para que, de tal experiência, resulte algo benéfico é necessário que a irritação ceda espaço para a paciência. Eis um exemplo eloquente de como oportunidades são perdidas e de como o cinema pode ser levado para o vazio e para a inutilidade.